Oposição Contra o Aperfeiçoamento das Redes Insurgentes

Coronel (R/1) Thomas X. Hammes, CFN dos EUA

O PRIMEIRO PASSO PARA resolver o desafio que enfrentamos hoje no Iraque, ou no futuro em outras zonas de combate similares, é entender que a insurgência e a contra-insurgência são dois tipos de conflitos muito diferentes. O resultado do emprego de Forças Especiais contra os insurgentes no Vietnã para "eliminar os guerrilheiros com suas próprias táticas de guerrilha" foi, sem dúvida, a solução errada para o problema ao supor-se que o insurgente e o contra-insurgente podem empregar o mesmo método para alcançar objetivos muito diferentes.

Minha definição de insurgência é baseada no *Insurgency and Terrorism* de Bard O'Neil. Ele enfatiza que a "insurgência pode ser definida como uma luta entre um grupo que não está no poder e as autoridades governantes. O grupo que deseja tomar o poder usa conscientemente *recursos políticos,* como a perícia organizacional, a propaganda ou manifestações e a *violência* para destruir, reformular ou suster o fundamento de um ou mais aspectos da política."[1]

A contra-insurgência como definida por Ian Beckett, "está longe de ser um problema puramente militar... a coordenação de ambos os esforços civis e militares deve ocorrer em todos os níveis e com o aproveitamento de dados fornecidos pela inteligência..."[2]

A primeira vista, estas definições sugerem que a insurgência e a contra-insurgência são similares porque as duas requerem uma ação política e militar. Entretanto, quando analisadas em sua plenitude, o desafio é muito diferente para o governo, que deve governar eficazmente e realizar alguma coisa para a população ou para o País. Os insurgentes, por outro lado, somente têm que propor algumas idéias para um futuro melhor à medida que asseguram que o governo não pode funcionar com eficácia.

No Iraque, a resistência nem sequer tem planos para um futuro melhor. Sua meta terrorista é simplesmente assegurar que o governo não funcione. Esta meta negativa é mais fácil de alcançar do que governar. Por exemplo,

O Coronel Thomas X. Hammes do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA é escritor e comentarista muito conhecido em assuntos militares. É Bacharel pela Academia Naval dos EUA e Pós-Graduado pela Escola de Comando e Estado-Maior do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA e pela Escola de Defesa Nacional do Canadá. Atualmente, está fazendo seu Doutorado em História Moderna na Oxford University. *O Coronel Hammes serviu como chefe das forças operacionais do nível de pelotão até batalhão no território continental dos EUA, na Somália, Iraque e em outras localidades no ultramar. É autor de* The Sling and the Stone: On War in the 21st Century *(Zenith Press, 2004), um livro amplamente discutido sobre como combater uma insurgência moderna.*

é mais fácil e direto empregar a força do que aplicar técnicas políticas econômicas e sociais. Os insurgentes podem empregar a violência para desacreditar um governo, em função da dificuldade de se cumprir com o contrato social básico de proteger a população. Não obstante, a simples aplicação da violência pelo governo pode restaurar esta legitimidade. Na obra clássica de David Galula, *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice*, o autor explica a diferença entre a insurgência e a contra-insurgência em termos muito claros: "a guerra revolucionária... representa um caso excepcional, não porque suspeitamos que tenha regras especiais diferentes das guerras convencionais, mas também porque a maioria delas não é aplicável aos dois tipos de conflitos. Numa luta entre uma mosca e um leão, a mosca não pode dar um golpe letal, mas o leão, também, não pode voar. A guerra é a mesma para ambas as partes em termos de espaço e tempo, embora na realidade existam duas formas distintas de guerra — a do revolucionário e poderíamos dizer a do contra-revolucionário."[3]

As Características Duráveis da Insurgência

Mao Tse-Tung escreveu seu famoso livro *On Guerrilla War* (*Yo Chi Chan*) em 1937. Apesar do transcurso do tempo, muitas de suas observações básicas sobre a insurgência ainda são válidas. Antes de tudo, a insurgência é uma luta política, não militar. Ela não é receptiva a uma solução puramente militar sem que recorra a um nível de brutalidade inaceitável pelo mundo ocidental. A violência extremamente brutal infringida pela Rússia na Chechênia — matando quase 25% da população e destruindo suas cidades — não resultou em vitória.

O segundo fator consiste na vontade política das forças contra-insurgentes. Se a população sente-se descontente quando enfrenta durante muito tempo os sacrifícios da situação e os custos cada vez maiores resultantes da contra-insurgência, os insurgentes vencerão. Isto tem acontecido todas as vezes que os EUA intervêm nas operações contra-insurgentes. Durante os últimos trinta anos os insurgentes aprenderam que não têm que derrotar militarmente os EUA para forçar a sua saída da insurgência; apenas têm que derrotar sua vontade política. Os atuais insurgentes do Afeganistão e do Iraque sabem disso e estabeleceram a quebra da vontade política dos EUA como principal objetivo dos seus esforços.

Novas Características da Insurgência

- O surgimento de coalizões de voluntários centrados em redes;
- A evolução para organizações transdimensionais;
- A auto-suficiência financeira; e
- Uma grande variedade de motivações entre os diferentes elementos da coalizão.

Um terceiro aspecto inalterável da insurgência tem a ver com a duração. As insurgências são medidas em décadas e não em meses ou anos. Os comunistas chineses lutaram durante 27 anos. Os vietnamitas lutaram contra os EUA por mais de uma década. Os palestinos vêm resistindo contra Israel pelo menos desde 1968. Quando a contra-insurgência vence, é porque lutou durante muito tempo. Tanto a Emergência na Malásia quanto a insurgência em El Salvador duraram 12 anos.

Finalmente, apesar dos norte-americanos possuírem uma fascinação pela alta tecnologia, esta não oferece uma grande vantagem em uma contra-insurgência. Aliás, no passado, a parte menos sofisticada em termos de tecnologia sempre venceu. O fator que tem sido mais decisivo na maioria das contra-insurgências são os traços humanos de liderança, entendimento cultural e objetivo político.

Em suma, os fatores cruciais de uma insurgência que não têm mudado são: a natureza política, o prazo prolongado e a natureza intensamente humana em vez de tecnológica.

As Características Emergentes da Insurgência

Embora estas características específicas da insurgência continuem constantes, a sua natureza tem evoluído em outras áreas. Como em todas as formas de guerra, a insurgência

se adapta às condições políticas, econômicas, sociais e técnicas da sociedade na qual surge. Esses movimentos não são produtos especiais de organizações unipartidárias como a de Mao ou a de Ho Chi Minh. As organizações insurgentes de hoje são integradas por coalizões independentes, com voluntários e redes humanas que abrangem o nível local e internacional. Isto reflete como estão estruturadas algumas organizações grupais da sociedade e a realidade que as organizações mais bem-sucedidas são redes em vez de hierarquias.

Além de serem integradas por coalizões, as insurgências também operam em todo o âmbito das organizações nacionais e transnacionais. O fato dessas redes se estenderem pelo mundo inteiro, como os árabes que lutaram ao lado dos talibãs no Afeganistão, os afegãos que lutaram na Bósnia e os muçulmanos da Europa que agora estão surgindo no Iraque, tornam essa participação um elemento regular das insurgências.

A insurgência pode ser definida como uma luta entre um grupo que não está no poder e as autoridades governantes. O grupo que deseja tomar o poder usa conscientemente recursos políticos, …e a violência para destruir, reformular ou suster o fundamento de um ou mais aspectos da política.

—Bard O'Neill, Insurgency and Terrorism

As metas dos diferentes elementos que integram uma coalizão podem variar em uma insurgência. Atualmente, no Afeganistão, alguns insurgentes simplesmente querem dominar suas próprias regiões, outros querem governar uma nação. Al-Qaeda luta por um califado transnacional (no islã é um instituto governante religioso liderado pelo califa). No Iraque muitos insurgentes sunitas querem um governo secular, no qual possam dominar o País. Outros sunitas — os salafistas — querem uma sociedade islâmica estrita governada pela Sharia. Entre os xiitas, Muqtada Al-Sadr envolveu-se primeiro em operações insurgentes, mas mudou para a área política, enquanto mantinha uma milícia poderosa e uma base de apoio geográfica nos bairros da cidade de Sadr. Embora temporariamente afastado das ações insurgentes, suas forças continuam sendo um fator importante em qualquer conflito armado. Outras milícias xiitas também estão preparadas para entrar na equação militar caso seus esforços políticos atuais não alcancem os objetivos desejados. E, finalmente, os elementos criminosos no Afeganistão e Iraque lutam no conflito, principalmente, para alcançarem suas metas.

Às vezes até o ódio pelos estrangeiros não é o suficiente para impedir que vários grupos da mesma coalizão lutem entre si. O engajamento entre facções distintas passou a ser um problema contínuo para os insurgentes anti-soviéticos no Afeganistão na década de 80, sendo algumas vezes tais conflitos explorados por comandantes inteligentes. Observamos hoje os mesmos sintomas no Iraque.

Essa mistura complexa de pessoas e motivos é agora o padrão para as insurgências. Se os insurgentes conseguirem seus objetivos de expulsar a Coalizão do Iraque e do Afeganistão, suas coalizões de voluntários extremamente diversos não terão condições de formar um governo coeso, pois suas incompatíveis crenças resultarão em uma luta contínua até que uma facção domine as outras. Isto foi o que aconteceu no Afeganistão depois que os insurgentes expulsaram os soviéticos. Uma desunião semelhante ocorreu na Chechênia depois da retirada dos soviéticos em 1996. A luta interna cessou somente quando os russos retornaram para estabelecer o seu próprio governo. Na Faixa de Gaza, evacuada recentemente, observa-se, também, os sinais de uma luta pelo poder.

Um componente essencial para entender as recentes insurgências é o fato de terem sido formadas por coalizões. Durante muito tempo, os líderes americanos declararam que a insurgência no Iraque não podia ser genuína porque não tinha nenhuma causa ou líder unificador, portanto não podia representar uma ameaça. Os insurgentes no Afeganistão, Chechênia e Palestina não eram unidos por uma crença ou liderança e o que os mantinha unidos era a expulsão do poder estrangeiro. Esses insurgentes, no entanto expulsaram a União

Soviética e continuam a enfrentar os EUA, Rússia e Israel, respectivamente. A falta de unidade nas insurgências atuais dificulta a sua derrota. É uma característica que temos de aceitar e entender.

Devido à flexibilidade característica das organizações bem-sucedidas, muitas insurgências agora são adimensionais bem como transnacionais. À medida que os esforços ocidentais reduziram o número de refúgios para os insurgentes, esses passaram agressivamente a gravitar para o espaço virtual. A grande capacidade da banda larga neste domínio aumentou muito a utilidade da Internet para os insurgentes. Com o incremento das comunicações e da propaganda, os insurgentes e seus contrapartes terroristas passaram a recrutar, averiguar os recrutas, o doutrinamento teológico, o adestramento e a disposição logística pela Internet. Os insurgentes nunca têm que encontrar um recruta pessoalmente até que se sintam à vontade com a situação, aí então, podem usar a Internet como um site de encontro que eles podem controlar. A enorme disponibilidade de salas de conversas com senhas de acesso protegidas permite aos insurgentes realizar reuniões diárias com pouca probabilidade de serem descobertos. Além das agências de inteligência ocidentais terem de descobrir estas salas de conversas em meio a milhões de outras no espaço virtual e as senhas usadas, elas precisam de alguém que possa falar o idioma dos insurgentes e que seja, também, convincente para evitar que o outro participante saia do sistema. E, logicamente, os insurgentes podem mudar das salas de conversas normais para as privadas tornando ainda mais difícil a tentativa de infiltração.

Outra mudança importante nas insurgências é a auto-suficiência dos insurgentes. Os grupos modernos implementam sistemas de arrecadação de verbas convencionais e também administram organizações beneficentes, negócios e empresas criminosas. No passado, a maioria das insurgências dependia de um ou dois principais colaboradores, os quais os EUA podiam submeter a uma pressão econômica ou diplomática. Atualmente, os mais variados esquemas de arrecadação de verbas somados à possibilidade de transferência desse dinheiro fora do sistema oficial bancário dificultam ainda mais um ataque às finanças insurgentes.

Características Emergentes Da Contra-insurgência

- Formular abordagem internacional;
- Opor as ideologias múltiplas;
- Conhecer a cultura e a sua história; e
- Lidar com os estrangeiros.

As Características Persistentes da Contra-insurgência

Tanto as insurgências como as contra-insurgências possuem características persistentes. A arma fundamental da contra-insurgência é um bom governo. Enquanto os insurgentes somente têm de continuar a existir e realizar ataques esporádicos, o governo deve aprender a governar eficazmente. A existência de uma insurgência indica que o governo fracassou na sua missão. Em suma o contra-insurgente se encontra numa situação desvantajosa.

O primeiro passo de um governo contra a insurgência deve ser o estabelecimento da segurança da população. Sem uma segurança eficaz e contínua, não importando se a população apóia ou não o governo, eles têm de cooperar com os insurgentes ou serão mortos. Contudo, proporcionar apenas a segurança não é o suficiente. O governo deve também fomentar a esperança de seus cidadãos de um futuro melhor para seus filhos se não para si mesmo. Além disso, este futuro deve estar de acordo com o desejo da população e não com o que desejam as forças contra-insurgentes. A campanha estratégica dos vilarejos no Vietnã e a ênfase ideológica de liberdade no Iraque são exemplos do que as forças contra-insurgentes consideraram o melhor para o futuro, mas estes não foram muito bem aceitos pela população. No Vietnã, os campesinos eram muito apegados a seus terrenos, mas na cultura islâmica a justiça tem mais valor que a liberdade.

A opinião do futuro deve abranger a "dignidade da pobreza" que Thomaz L. Friedman identificou

tão claramente como um motivador para os terroristas.[4] A população não apenas deve ter a esperança do que considera uma vida melhor, mas também o sentimento de dignidade resultante da possibilidade de opinar sobre o seu próprio futuro.

A guerra no Iraque tem provocado recentemente muitos debates sobre a sua transição de guerra de terrorismo para uma de insurgência e por fim para uma guerra civil. Embora isso seja muito importante do ponto de vista do insurgente, não determina os primeiros passos que as forças contra-insurgentes devem tomar para vencer esta luta. Como sempre, o primeiro passo é proporcionar segurança à população. Se a população deixar de apoiar o governo por medo dos insurgentes, terroristas ou outros grupos violentos o governo só pode começar a recuperar sua credibilidade ao prover uma segurança eficaz. Esta segurança pode variar de acordo com a ameaça, mas a necessidade básica não pode ser negociada. Portanto, os conceitos fundamentais da contra-insurgência seguem sendo o mesmo: prover segurança para a população e uma verdadeira esperança para o futuro.

As Características Emergentes da Contra-Insurgência

As forças contra-insurgentes devem também reconhecer as características emergentes da insurgência. Para lidar com o tipo de redes transnacionais dos insurgentes, as forças contra-insurgentes devem organizar uma metodologia verdadeiramente internacional para enfrentarem os assuntos de segurança. Ademais, não devem se opor a uma só ideologia, mas a todas as ideologias da variedade de grupos que participam de uma insurgência. É uma gigantesca tarefa porque atacar a ideologia de um grupo pode reforçar a de outro. Um combate ideológico bem-sucedido também requer que as forças contra-insurgentes tenham um profundo entendimento cultural e histórico da população em um conflito. O êxito nesse tipo de luta será difícil de alcançar, mas pode ser obtido se o governo atacar a coalizão insurgente exacerbando as diferenças entre os grupos.

Finalmente, o governo deve encontrar uma maneira de enfrentar a variedade de elementos externos que passaram a se unir com a insurgência. Entre eles, somente os seguidores verdadeiros podem ser capturados ou mortos; os outros devem ser convencidos a deixar a insurgência e regressar à vida civil. Quando possível, as forças contra-insurgentes devem evitar que os guerrilheiros estrangeiros retornem a seus países de origem e lá difundam o conflito. Sem dúvida, isto irá requerer uma grande cooperação internacional. As nações envolvidas deveriam estar ansiosas para cooperar na prevenção do retorno desses guerrilheiros violentos e potencialmente rebeldes.

Visualizando a Insurgência

Com a combinação das características perduráveis e emergentes nas insurgências, surge a pergunta de como melhor analisar a forma moderna. É essencial para as forças contra-insurgentes possuir um claro conhecimento da insurgência. A história recente mostra que, no princípio, os poderes convencionais interpretaram erroneamente e com mais freqüência a insurgência. Na Malásia, os britânicos levaram quase três meses para formular uma metodologia consistente para enfrentar a insurgência comunista. Como observou John Nagl, "aproximadamente em 1950 é que foi reconhecida a natureza política da guerra."[5] No Vietnã, o General Creighton Abrams e o Embaixador Robert Komer somente em 1968 idealizaram um plano eficaz para enfrentar os vietcongues no Sul. No Iraque, foram quase dois anos para concluir que estávamos enfrentando uma insurgência e ainda estávamos debatendo sua composição e metas.

Para combater de maneira eficaz uma insurgência, é mister primeiro entendê-la. Devido à complexidade inerente de uma insurgência moderna, a melhor ferramenta para visualizá-la é um mapa da rede. As forças contra-insurgentes devem traçar um diagrama das redes humanas em ambos os lados do conflito em razão dos seguintes motivos:

• Um mapa das conexões humanas reflete como operam as insurgências na realidade. Um mapa das redes revelará a escala e a profundidade das interações entre distintos indivíduos e nódulos e mostra o impacto de nossas ações contra estas conexões;

• Um mapa da rede traçado no decorrer do tempo pode mostrar como mudanças no ambiente

Departamento de Defesa

Um Tenente-Coronel do Exército dos EUA se reúne com soldados iraquianos para planejar uma operação de encordoamento e busca para capturar insurgentes conhecidos na vila de Majidiah, Iraque, 13 de agosto de 2006.

afetam nódulos e vínculos na rede. De novo, este conhecimento é crucial para entender como nossas ações afetam à insurgência;

• Os modelos das redes humanas levam em consideração o carisma e a sagacidade de tal forma que um simples organograma não o pode fazer;

• As redes procuram ativamente oportunidades para crescer. Ao estudar os mapas de redes, podemos observar onde ocorre o crescimento e sua importância para os insurgentes e governo. Ao estudar quais áreas da rede insurgente crescem mais rápido, podemos identificar os membros mais eficazes da insurgência bem como suas melhores táticas e atuar de acordo com essa análise;

• As redes atuam entre si de maneira complexa que não podem ser mostradas em um organograma organizacional;

• Os mapas das redes mostram as conexões do nível local até o internacional e revelam quando os insurgentes empregam a tecnologia moderna para estabelecer relacionamentos à distância mais importantes e estreitos do que os locais;

• As redes demonstram a natureza dimensional e transnacional das insurgências de forma que nenhum outro modelo pode fazer. Também podem revelar as conexões insurgentes com o governo da nação anfitriã, a comunidade civil e quaisquer outros membros presentes no conflito;

• Finalmente, se começamos a entender as diferenças entre as redes subjacentes e as redes insurgentes, podemos analisá-las ao empregar uma série emergente de ferramentas. Em seu livro *Linked: The Science of Networks*, Albert Laszlo

Barabasi mostra esses novos instrumentos: "uma série de recentes descobrimentos impressionantes nos forçou a reconhecer que algumas leis internacionais, extraordinariamente simples e de grande alcance, governam a estrutura e a evolução de todas as redes complexas ao nosso redor."[6]

Devemos também empregar a construção de redes quando planejarmos nossas organizações. Em vez da composição hierárquica que habitualmente empregamos quando nos apresentamos, um esquema de redes nos permitirá entender muito mais como as políticas de pessoal afetam nossas operações. Quando planejamos uma organização de maneira hierárquica, parece que nossas políticas a respeito do rodízio de pessoal têm um mínimo efeito na nossa organização. Um indivíduo sai

A contra-insurgência como definida por Ian Beckett, "está longe de ser um problema puramente militar... a coordenação de ambos os esforços civis e militares deve ocorrer em todos os níveis e com o aproveitamento de dados fornecidos pela inteligência..."

e outro igualmente qualificado o substitui no organograma; não há nenhuma indicação visual do impacto em nossa organização. Porém, se planejarmos nossas organizações como redes, poderemos entender os danos massivos que causam nossas políticas de rodízio de pessoal. Quando uma pessoa chega ao país e assume um cargo por um período determinado, ele provavelmente conhece somente o seu chefe e algumas pessoas na repartição. Em uma rede, ele aparecerá apenas como um pequeno nódulo com poucas conexões e encontrará velhos amigos em outros empregos em todo o teatro. No mapa da rede iremos observar seu crescimento, de um pequeno nódulo para um eixo principal. Veremos gradualmente suas conexões com outras organizações militares, agências governamentais dos EUA e países aliados, agências da nação anfitriã, ONG e outras organizações afins. Fica muito claro que quando este indivíduo deixar a organização, observaremos que um eixo extenso será instantaneamente substituído por um nódulo pequeno com poucas conexões. Sentir-nos-emos ainda mais agitados quando observarmos o impacto em massa que causa a saída simultânea de vários eixos na funcionalidade da nossa rede.

Para nos ajudar na construção de mapas de rede, podemos usar um dos vários programas de software anti-gangue que nos permite seguir a pista de indivíduos e visualizar seus contatos. Estas são essencialmente versões sofisticadas das antigas bases de dados de personalidades-organizações-incidentes, que nos permitem vincular as partes de inteligência que temos para construir uma imagem visual das conexões reveladas. Por exemplo, detemos um suspeito perto de um local onde houve um atentado, investigamos sua identidade no banco de dados e achamos que, embora nunca tenha sido detido, tem grandes relações com um homem que sabemos muito bem está envolvido com um partido político. Podemos então investigar os outros membros da família e o partido para determinar se há outras conexões ao atentado, ao indivíduo que está detido ou à possível organização envolvida.

Um software de qualidade permitirá uma visualização instantânea destas relações em uma rede com código de cores que podemos projetar em uma parede, imprimir ou transmitir para outros analistas. Um software bom quase instantaneamente consegue fazer o que antes requeria centenas de horas de trabalho intensivo para vincular informações isoladas e aparentemente desvinculadas. Isso nos permite buscar as conexões num terceiro ou quarto nível na rede e, portanto, formar um mapa de rede muito mais útil. Em particular, poderemos descobrir as brechas onde sabemos que devem existir conexões.

Há dez anos, esse tipo de software estava disponível e era empregado para rastrear a atividade das gangues nos EUA. Desconheço a situação do software de inteligência humana usado atualmente pelo Departamento de Defesa, mas duvido que tenha o grau de sofisticação para avaliar os níveis cruciais de companhia e pelotão

Departamento de Defesa

Soldados iraquianos entregam bandeiras de seu país aos cidadãos em um acampamento de pessoas desamparadas em Husaybah, Iraque, em 6 de novembro de 2005 durante a Operação Steel Curtain.

na luta contra-insurgência. Temos de buscar de qualquer maneira o melhor software e colocá-lo em uso. Se as cidades podem oferecer este tipo de informação à polícia, nossas companhias e pelotões merecem o mesmo.

Ao fazer um mapa das conexões humanas nas redes insurgentes, logo aplicando o conhecimento cultural e a teoria de redes às próprias redes, poderemos entendê-las melhor. Podemos também empregar o dado de que a maioria delas se forma ao redor de redes sociais pré-existentes. Aliás, esta metodologia já foi empregada. Marc Sageman realizou um estudo detalhado da Al-Queda e suas organizações afiliadas, mapeou as conexões operacionais e logo as comparou às conexões sociais pré-existentes.[7] Seu trabalho indica um caminho para uma análise muito mais eficaz das organizações insurgentes e terroristas.

Os estudos de Sageman revelaram os nódulos e vínculos-chave em todas as partes da Al-Qaeda e como as mudanças no ambiente operacional, a longo prazo, afetaram estas partes. Sageman também identificou ambos os vínculos reais e virtuais entre indivíduos e as organizações componentes. Ainda mais importante, os estudos nos dão um ponto de partida no qual podemos examinar qualquer rede: as conexões sociais pré-existentes de uma sociedade. Em vez de começar do princípio, podemos analisar dados de inteligência limitados que coletamos do contexto social e cultural de uma insurgência. Em breve, a metodologia de Sageman nos permite formular uma imagem da rede inimiga que podemos analisar.

Segurança e não Defesa

Para as forças contra-insurgentes, o elemento central em qualquer estratégia deve ser a população. Os contra-insurgentes devem proporcionar um governo eficiente para conquistar a lealdade da população. É fácil dizer, mas ajudar outro país a estabelecer uma boa forma de governo é uma das tarefas mais difíceis. O conflito no Iraque nos mostra a dificuldade em auxiliar o estabelecimento de um governo numa sociedade fragmentada. Além da discussão se existe ou não uma guerra civil no Iraque, ainda

não chegamos a um acordo se a estratégia que se emprega junto à população é inerentemente ofensiva ou defensiva. Se considerarmos a defensiva, a maioria dos estrategistas estaria relutante em adotá-la simplesmente porque a defesa quase nunca ganha as guerras.

Nas contra-insurgências, prover a segurança para a população é uma ação inerentemente ofensiva. Ninguém contesta que durante guerras convencionais os ataques que conquistam o território inimigo para negar-lhes recursos, impostos ilegais e base de recrutamento são consideradas ações ofensivas. Mas por outro lado, quando realizamos operações de controle da população em uma contra-insurgência, essas são consideradas defensivas, ainda que tenham o mesmo efeito: negam ao inimigo os elementos que precisa para operar.

Uma operação de controle da população é a ação mais ofensiva que se pode tomar em uma contra-insurgência. Da mesma maneira que em uma guerra convencional, uma vez que haja apropriação de uma parte do território inimigo, não se pode evacuá-lo e devolve-lo. Se isso acontecesse, simplesmente restaurar-se-ia todos os recursos ao controle inimigo ao mesmo tempo em que se arruinariam o moral do governo, do povo e de suas próprias forças.

Em uma contra-insurgência, incursões rápidas e ataques de surpresa pelas grandes unidades são operações inerentemente defensivas. Reagimos a uma iniciativa inimiga que deu a ele o controle de uma parte do país. Passamos pela área, talvez capturamos ou matamos alguns insurgentes e logo retornamos às nossas posições defensivas. Em suma, cedemos o terreno principal — a população e seus recursos — aos insurgentes. Talvez tenhamos infringido um revés tático temporário ao inimigo, mas a um custo mais alto em relação a nossos objetivos operacionais e estratégicos. O fato de realizarmos incursões rápidas e não ficarmos com o terreno, expõe a fraqueza do governo à população e à violência, numa demonstração de que está se fazendo pouco para melhorar a segurança ou para criar perspectivas de uma vida melhor.

É claro que as operações de controle da população são as verdadeiras operações ofensivas em uma contra-insurgência. Também é claro que o governo anfitrião e as forças dos EUA raramente terão um número suficiente de tropas para realizar estas operações em escala nacional no início do esforço contra-insurgente. Portanto, devemos priorizar as áreas que deverão receber os recursos para proporcionar a segurança completa e permanente, o controle da população e a reconstrução. A estratégia de varrer, manter e fortalecer é a correta. Não obstante, devem-se reconhecer as limitações das forças governamentais e, por um período pré-determinado, ceder o controle de alguns elementos da população aos insurgentes a fim de proporcionar a proteção eficaz para o resto do povo. Isto é, sem dúvida, alguma abordagem "branca, cinza ou preta" empregada pelos britânicos na Malásia.[8] Como citou Sir Robert Thompson, "Como os recursos de um governo, especialmente em matéria de mão de obra, são limitados, o planejamento da contra-insurgência deve também priorizar as medidas que serão tomadas e nas respectivas áreas em que devem começar. Se a insurgência ocorre em uma escala nacional, é impossível atacar em todas as áreas. É importante entender que em certas áreas só é possível realizar uma operação de manutenção."[9] Além disso, a reconstrução pode ter início se concentrarmos nossas forças para estabelecer uma segurança eficaz em algumas áreas ao invés da ilusão de proporcionar segurança em todo o país. A combinação resultante de segurança e prosperidade contrastará marcadamente com as condições nas áreas controladas pelos insurgentes. Quando tivermos forças suficientes para desdobrar nestas áreas, a população poderá ser mais receptiva à presença do governo.

Comando e Controle

Existe um refrão antigo referente ao planejamento militar: Estabeleça as relações de comando e controle corretamente e o resto se resolverá por si mesmo. É prudente afirmar que os soldados proverão soluções somente se forem bem liderados em uma organização funcional. O primeiro passo e, frequentemente o mais difícil, em contra-insurgência é integrar o comando e a execução da força amiga. Observe que eu disse "integrar" e não "unificar". A natureza dimensional e transnacional das insurgências atuais impossibilitarão o desenvolvimento da verdadeira unidade de comando para todas as

Departamento de Defesa

Um soldado norte-americano conversa com vários afegãos sobre as atividades insurgentes na aldeia de Alazai na Província de Ghazni, Afeganistão, 18 de setembro de 2006.

organizações necessárias ao combate de uma insurgência. Em vez disso, devemos nos dedicar para conseguir a unidade de esforço ao integrar os esforços de todos os participantes.

As Forças Armadas dos EUA não gostam de comitês, embora esses possam ser a estrutura mais eficaz para o comando em uma contra-insurgência. Deveria existir um comitê executivo para cada subdivisão política principal, do nível municipal e provincial até o nacional. Cada comitê deve incluir todos os elementos-chave que tomam parte no esforço contra-insurgente — líderes políticos como o primeiro ministro, governadores e pessoas afins, policiais, oficiais de inteligência, financiadores e apoiadores (incluindo as ONG), ministérios de serviços públicos e as forças armadas. Os líderes políticos devem ter autoridade total para oferecer empregos, despedir e avaliar os outros membros do comitê. Esses membros não devem ser controlados nem avaliados por suas matrizes no nível superior, porque assim sendo o comitê não obterá a unidade de esforço esperada. Este passo requererá uma mudança em massa da cultura por intermédio dos canais hierárquicos normais que abarcam todos os assuntos relativos ao pessoal e promoções para os funcionários do governo. Um dos obstáculos para a mudança é que muita gente pensa que a organização hierárquica atual é eficaz. Consideram-se "cilindros de excelência", em vez de mecanismos obstinados, ineficientes e ineficazes. Acima do comitê no nível nacional, que pode ser facilmente estabelecido em nossa atual organização, precisamos de um comitê regional. Graças à natureza transnacional da insurgência moderna, a equipe militar de apenas um país não pode, por si mesmo, gerenciar todos os assuntos regionais e internacionais exigidos em uma contra-insurgência eficaz. Portanto teremos que desenvolver uma equipe regional genuína. As atuais organizações do Departamento de Defesa e do Departamento de Estado não se prestam bem para este tipo de estrutura e precisarão de um extenso realinhamento — de uma mudança extremamente necessária.

Uma vez estabelecidos os comitês nacionais e regionais, Washington deve emitir ordens tipo missão, destinar verbas e logo passar a gerência da campanha ao pessoal no nível regional e nacional. Obviamente, um dos maiores desafios neste sistema é formar líderes para chefiar as equipes nacionais e regionais, particularmente os líderes civis americanos que devem ser enviados para a região bem como os líderes das nações anfitriãs. Um desafio ainda maior será convencer os burocratas de âmbito nacional nos EUA a não intrometer-se nas operações cotidianas.

Uma vez estabelecidos, os comitês poderão usar um mapa da rede de insurgência e do seu ambiente para fazer planejamentos e buscar a vitória. O mapa da rede oferece importantes informações sobre a natureza da interação entre os eixos-chave e nódulos menores da insurgência. Embora os nódulos e eixos sejam os aspectos mais visíveis de qualquer rede, o importante é a natureza das atividades entre eles. Ao compreendermos este fato, entenderemos como funciona a rede na realidade. Isso é difícil e o que o torna um desafio ainda maior é que não se pode entender a rede, salvo no seu contexto natural. Para isso é necessário encontrar e empregar pessoal com o domínio do idioma árabe e o entendimento cultural para traçar e interpretar nosso mapa.

Obviamente, um dos maiores desafios neste sistema é formar líderes para chefiar as equipes nacionais e regionais, particularmente os líderes civis americanos que devem ser enviados para a região bem como os líderes das nações anfitriãs.

Velocidade versus Precisão

O ciclo de observação-orientação-decisão-ação (*observation-orientation-decision-action — OODA*) traçado pelo Coronel John Boyd para as contra-insurgências apesar de continuar válido, tem outro enfoque.[10] A guerra convencional e, especialmente, o combate aéreo foram os instrumentos que incentivaram Boyd a desenvolver seu conceito: a velocidade era essencial para completar o ciclo de observação-orientação-decisão-ação e colocá-lo dentro do ciclo de observação-orientação-decisão-ação inimigo.Temos de empregar uma metodologia diferente na contra-insurgência. Dar ênfase à velocidade no ciclo de decisões simplesmente não faz sentido em uma guerra que pode durar uma década ou mais.

Na contra-insurgência, ainda queremos nos movimentar rapidamente, mas o enfoque deve ser mais na precisão (desenvolvida no segmento de observação-orientação do ciclo). O governo deve entender o que observa antes de decidir o que fazer. Até hoje, os conceitos centrados em redes têm-se concentrado na redução da velocidade entre a detecção e o disparo (o segmento de decisão-ação de Boyd). Depois devemos nos concentrar no aperfeiçoamento da qualidade do segmento de observação-orientação. E o mais importante, o ciclo de observação-orientação-decisão-ação se expande não apenas para rastrear no terreno a reação do nosso inimigo, mas também a reação de todo o ambiente — a população, o governo da nação anfitriã, nossos aliados, nossas forças e até mesmo a nossa própria população.

Atacar a Rede

Em virtude de operações ofensivas eficazes em uma contra-insurgência serem baseadas na proteção da população, a ação direta contra os insurgentes é de importância secundária; não obstante, esta ação continua sendo uma parte necessária do plano geral de campanha. Uma vez que entendamos a rede insurgente ou grandes segmentos da mesma, podemos atacar seus elementos individualmente. Mas, só devemos fazê-lo se os ataques apóiam nossos esforços de proporcionar segurança à população. Se houver uma grande possibilidade de danos colaterais, não devemos atacar porque esses, por sua própria natureza, reduzem a segurança da população. Além disso, os regulamentos fundamentais para atacar uma rede são diferentes dos empregados quando se ataca um inimigo convencional. Primeiro, em uma contra-insurgência é melhor explorar

um nódulo conhecido que atacá-lo. Segundo, se tiver de ser atacado, a melhor opção é o ataque ligeiro que introduz a desconfiança na rede. Terceiro, se tiver que fazer um ataque mais violento, deve realizá-lo simultaneamente contra os vínculos relacionados ou os efeitos serão menores. E finalmente, depois do ataque, aumentar a observação para ter conhecimento de como a insurgência pretende comunicar ou reparar os danos. À medida que buscam estabelecer novos contatos, os novos nódulos serão mais visíveis.

A Campanha de Informação

Uma parte integral de uma contra-insurgência é uma campanha de informação eficaz. Deve ter múltiplas metas como a população do país anfitrião, a população americana, a comunidade internacional, os insurgentes e seus partidários; deve ser integrada em todos os aspectos gerais da campanha e só pode ser eficaz se for baseada na verdade — a manipulação política eventualmente se manifestará e será muito difícil para o governo recuperar sua credibilidade.

Além disso, nossas ações freqüentemente são tão expressas que obscurecem nossas palavras. Quando afirmamos que representamos justiça, mas não culpamos os oficiais superiores responsáveis pela tortura, invalidamos a nossa mensagem e alienamos nossa audiência. Felizmente as ações positivas também contam. Os esforços para socorrer as vítimas do tsunami e do terremoto em 2004 e 2005 tiveram um grande impacto nas nossas audiências. Nossa campanha de informação deve basear-se na difusão da informação sobre nossas ações positivas. Assim sendo, nossas ações devem ser consistentes com a nossa retórica.

Para estudar uma campanha de informação eficaz, recomendo avaliar a que os palestinos realizaram na *Intifada* de Schiff y Yaári.[11]

Resumo

A atual guerra contra-insurgência envolve a competição entre redes humanas — as nossas e as deles. Para entender as redes de nossos inimigos temos de entender os vínculos pré-existentes das redes e o contexto cultural e histórico da sociedade. Também temos que entender não apenas a rede insurgente, mas a do governo da nação anfitriã, sua população, nossos parceiros de coalizão, ONGs e, é claro, a nossa.

Uma contra-insurgência é completamente diferente de uma insurgência. Em vez de focalizar seus esforços no combate, a estratégia consiste em estabelecer um bom governo ao reforçar os nódulos amigos importantes ao mesmo tempo em que esmorecem os do inimigo. No Iraque, temos de ganhar o apoio da maioria da população. O bom governo fundamenta-se em proporcionar segurança eficaz para a população e criar esperança para o seu futuro; ele não deve estar orientado para matar os insurgentes e terroristas. Para proporcionar segurança temos de visualizar a luta entre e dentro das redes humanas participantes. Somente então poderemos formular e executar um plano para derrotar os insurgentes.***MR***

Referências

1. O'NEILL, Bard E.; *Insurgency and Terrorism: Inside Modern Revolutionary Warfare* (Washington, DC: Brassey's Inc, 1990), p. 13.

2. BECKETT, Ian F. W. ; editor, *Armed Force and Modern Counter-Insurgency: Armies and Guerrilla Warfare 1900-1945* (Nova York: St. Martin's Press, 1985), p. 8.

3. GALULA, David; *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice* (Nova York: Frederick A. Praeger Publishers, 1966), xi.

4. FRIEDMAN, Thomas L.; "A Poverty of Dignity and a Wealth of Rage," *New York Times*, 15 de julho de 2005, disponível em: <http://www.nytimes.com/2005/07/15/opinion/15friedman.html?ex=1279080000&en=881732206e2082d5&ei=5090&partner=rssuserland&emc=rss>, acesso em 7 jul 2006.

5. NAGL, John; *Learning to Eat Soup with a Knife: Counterinsurgency Lessons from Malaya and Vietnam* (Chicago, Illinois: University of Chicago Press, 2005), p. 71.

6. BARABASI, Albert-Laszlo; *Linked: The New Science of Networks* (Cambridge, Massachussets: Perseus Publishing, 2002). Ver também SORLEY, Lewis; *A Better War* (Nova York: Harcourt, Brace, Jovanovich, 2003).

7. SAGEMAN, Mark; *Understanding Terror Networks* (Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2004).

8. Empregado pelos britânicos na Malaia, o esquema branco-cinza-preto é um corolário da estratégia de varrer, manter e fortalecer atualmente usada no Iraque. As áreas brancas são completamente varridas da presença insurgente e prontas para a reconstrução e iniciativas democráticas. As cinzas estão em litígio com as forças contra-insurgentes e insurgentes em uma luta ativa para obter vantagem. As áreas pretas são controladas pelos insurgentes e principalmente ignoradas até que ocorra uma redistribuição de recursos governamentais de outras áreas. Ver THOMPSON, Sir Robert; *Defeating Communist Insurgency: The Lessons of Vietnam and Malaya* (Nova York: Frederick A. Praeger, 1966), Capítulo 10.

9. Thompson, p. 55.

10. O Coronel Boyd expressou o conceito do ciclo OODA em uma extensa apresentação de eslaides. Para uma discussão do ciclo OODA e outras teorias de Boyd, ver "Boyd and Military Strategy," disponível em: <www.d-n-i.net/second_level/boyd_military.htm>, acesso em 10 jul 2006.

11. SCHIFF, Zeev e YA'ARI, Ehud; *Intifada: The Palestinian Uprising-Israel's Third Front* (Nova York: Simon and Schuster, março de 1990).